



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS/ INGLÊS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA JARDIM

JAQUELINE RIBEIRO MACHADO

**AS PERSONAGENS DE DOSTOIÉVSKI: O CASO DA
DESERÇÃO TEÓRICA DE SÔNIA, EM *CRIME E CASTIGO***

JARDIM /MS

2018

JAQUELINE RIBEIRO MACHADO

**AS PERSONAGENS DE DOSTOIÉVSKI: O CASO DA
DESERÇÃO TEÓRICA DE SÔNIA, EM *CRIME E CASTIGO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Jardim/ MS, como requisito final para obtenção do grau de Licenciatura em Letras/Inglês.

Orientador: Professor Dr. Paulo Eduardo Benites de Moraes.

JARDIM /MS

2018

Machado, Jaqueline Ribeiro.

As Personagens De Dostoiésvski: O Caso Da Deserção Teórica De Sônia, em *Crime e Castigo*. Jaqueline Ribeiro Machado. Jardim: UEMS, 2018.

41 páginas,

Monografia (Graduação) – Letras Habilitação Português/Inglês –
Universidade Estadual de Mato grosso do Sul, 2018.

Orientador: Professor Dr. Paulo Eduardo Benites de Moraes

Crime e Castigo; Personagem; Teoria da Narrativa.

CDD 20. ed. 413.028

JAQUELINE RIBEIRO MACHADO

**AS PERSONAGENS DE DOSTOIÉVSKI: O CASO DA
DESERÇÃO TEÓRICA DE SÔNIA, EM *CRIME E CASTIGO***

Aprovada em 27/11/2018

BANCA EXAMINADORA

Orientador Professor Dr. Paulo Eduardo Benites de Moraes

Professor (a) Me. Roseli Grubert Peixoto

Professor (a) Dr. Alexandre Luís Gonzaga

Dedicatória

A Deus que me deu força e ânimo para chegar a esta etapa, a minha família, a meu orientador Dr^o. Paulo Eduardo Benites pelas orientações e contribuição para este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por conceder-me saúde, ânimo e fé do começo ao fim para concluir o curso superior.

À minha família que sempre me apoiou e ajudou-me neste processo, principalmente minha mãe e meu pai.

Às minhas amigas que fizeram parte desta trajetória ao longo desses anos de Universidade, Natividade Ferreira e Vanessa Coimbra.

À todos os professores de Letras da UEMS (Jardim) que se dedicaram nas aulas a formarem profissionais.

Por fim ao meu Orientador Dr^o Paulo Eduardo Benites por ter aceito a participar da realização deste trabalho, com muita paciência e dedicação contribuiu a esta monografia.

“O segredo da existência humana reside não só viver, mas também em saber para que se vive”. (Dostoiévski)

RESUMO

O presente trabalho pretende tratar da obra *Crime e Castigo*, de Fiódor Dostoiévski, com o objetivo de propor uma leitura da construção da personagem Sônia. A discussão principal desta pesquisa centra-se nas abordagens teóricas da teoria da narrativa, especificamente naquelas que dizem respeito às teorias da personagem. Nossa hipótese é a de que a personagem Sônia fora estrategicamente construída como sendo uma falsa personagem secundária da obra *Crime e Castigo*, velando um *status* de protagonismo ao lado de Raskólnikov. Seguindo a tradição teórica da personagem a partir de Antonio Candido (2009), Beth Brait (1985), Rosenfeld (2009), nota-se uma formalização em torno da construção de personagens, seja considerando-as como plana ou redonda, principal ou secundária. Tais abordagens não preveem, entretanto, o movimento dialético interno às obras de Dostoiévski, cuja base crítica mais profunda recai em M. Bakhtin e a proposta da pluralidade de vozes – polifonia. Nesse sentido, o trabalho retoma a tradição da teoria da personagem para pensar Sônia, mostrando como se trata de uma personagem atípica dentro da tradição.

PALAVRAS-CHAVE: Crime e Castigo; Personagem; Teoria da Narrativa;

ABSTRACT

The present work intends to deal with the work *Crime and Punishment*, by Fyodor Dostoyevsky, with the purpose of proposing a reading of the construction of the Sônia character. The main discussion of this research focuses on theoretical approaches to narrative theory, specifically those that relate to character theories. Our hypothesis is that the Sônia character was strategically constructed as being a false secondary character of the work *Crime and Punishment*, guarding a status of protagonism next to Raskolnikov. Following the theoretical tradition of the personage from Antonio Candido (2009), Beth Brait (1985), Rosenfeld (2009), there is a formalization around the construction of characters, whether considered as flat or round, main or secondary. Such approaches do not, however, foresee the internal dialectical movement to the works of Dostoevsky, whose deeper critical base falls upon M. Bakhtin and the proposal of the plurality of voices - polyphony. In this sense, the work retakes the tradition of the theory of the personage to think Sônia, showing like it is an atypical personage within the tradition.

KEY WORDS: *Crime and Punishment*; Character; Narrative Theory;

Sumário

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1	12
1.1 Concepções de Personagens.....	12
1.2 A Personagem no Romance	18
CAPÍTULO 2	24
2.1 <i>Crime e Castigo</i> : Literatura e Crítica	24
2.2 Sônia: A personagem desertora de <i>Crime e Castigo</i>	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

O presente trabalho implica na obra *Crime e Castigo*, do autor Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski, visando uma análise da personagem Sônia. Alguns artigos e monografias privilegiaram o personagem principal Raskólnikov, por isso um dos motivos para esta pesquisa, analisando a personagem Sônia, comprovando que ela é uma das personagens com amplo destaque ao lado de Raskólnikov, que ao surgir causa um impacto na vida do jovem, a sua mudança, o seu arrependimento, e a sua redenção começam a ocorrer quando a jovem aparece em sua vida, levando a obra a se tornar mais enternecedora.

Este trabalho é dividido em dois capítulos, sendo que no primeiro capítulo é apresentado um breve relato do que seria a personagem e seus tipos, à luz de teóricos como Antonio Candido, Anatol Rosenfeld e Beth Brait. Buscamos mostrar como a tradição da teoria da narrativa vem abordando tal assunto.

No segundo capítulo apresentamos uma breve retomada crítica da obra *Crime e Castigo*, e em seguida, uma análise da construção da personagem Sônia como sendo uma falsa personagem secundária, retratando sua trajetória do começo ao fim da obra *Crime e Castigo*. A sofrida vida de uma mulher jovem que vende seu corpo para sustentar sua família miserável, onde ela acaba conhecendo Raskólnikov, um ex estudante de Direito que morava em Petersburgo em condições totalmente miseráveis, longe da família e com poucos amigos.

A obra retrata o assassinato da velha agiota e de sua irmã, onde o criminoso é o jovem que foi penhorar alguns objetos para conseguir dinheiro o próprio Raskólnikov. Mas neste enredo surge Sônia criando forças para mudar a vida do protagonista, uma prostituta que muda completamente a vida de um assassino, incita reflexões sobre a condição humana, os sofrimentos terrenos e também uma reflexão filosófica e religiosa da vida dos personagens.

CAPÍTULO 1 – CONTEXTO DO CAPÍTULO

O objetivo deste capítulo é fazer uma releitura da concepção de personagem dentro da teoria da narrativa, como ela tratou sobre a construção da personagem. No item 1.1 será trabalhada a percepção da personagem com as teorias dos autores mencionados, suas características e alguns tipos de personagens, tais como: personagens esféricas e redondas, de costumes, entre outros.

Em seguida, no item 1.2, será trabalhada a perspectiva da personagem no romance. A relação entre o personagem fictício e com o ser real. A linguagem utilizada na construção de um romance, e o sujeito que fala no romance. Os teóricos que foram utilizados no primeiro capítulo são: Dourado (1964), Candido (2009), Brait (1985), Bakhtin (1997) e Todorov (2003).

1.1. Concepções de Personagem

A literatura busca retratar a personagem como sendo um dos focos principais de uma obra. O autor busca em suas personagens muitas vezes difundir os comportamentos sociais e culturais de uma determinada época, levando aos leitores uma reflexão do homem e do mundo que o cerca. Segundo Autran Dourado:

No romance, o personagem não existe antes de ser criado na escrita; antes da palavra ele é apenas fumaça, ilusão, a dor que impulsiona o romancista a criá-lo, embora o romancista poderoso consiga às vezes visualizá-lo senão seria incapaz de transpô-lo para o papel. Mesmo quando o romancista pretende que está retratando uma pessoa da vida real, que ele tenha conhecido, o que na verdade está fazendo não é retratar a pessoa real mas transpor para o romance uma figura que agora existe dele (a pessoa real pode morrer, que continuara a viver na memória do autor)[...] (DOURADO,1973,p.103-104).

Como Dourado afirma, o personagem está no papel, antes disso ele não existe é apenas ilusão. E mesmo que o autor conhecesse uma pessoa e quisesse retratá-la no papel, no momento em que ele começasse a escrever sobre a pessoa, ela se tornaria uma personagem criada pelo autor, fazendo parte da sua fantasia. Às vezes o leitor, quando lê um romance e se depara com certos personagens, percebe que seria impossível ocorrer tais fatos em sua própria

vida, mas na vida algumas coisas podem acontecer. Já no romance a estrutura da narrativa impõe limites aos personagens como confirma Antonio Candido na citação a seguir.

Quando, lendo um romance, dizemos que um fato, um ato, um pensamento são inverossímeis, em geral queremos dizer que na vida seria impossível ocorrer coisa semelhante. Entretanto, na vida tudo é praticamente possível; no romance é que a lógica da estrutura impõe limites mais apertados, resultando, paradoxalmente, que as personagens são menos livres, e que a narrativa é obrigada a ser mais coerente do que a vida (CANDIDO, 1964, p.76).

Com a citação de Candido podemos observar que as personagens ficam um pouco presas na narrativa onde a narrativa precisa ser mais lógica do que a vida das pessoas. “Se as coisas impossíveis podem ter mais efeito de veracidade que o material bruto da observação ou do testemunho, é porque a personagem é basicamente, uma composição verbal, uma síntese de palavras, digerindo certo tipo de realidade” (CANDIDO, 1964, p.78). O personagem é algo criado, uma palavra, uma ideia do escritor, que às vezes condiz com sua realidade, ou de outros indivíduos, ou simplesmente é tudo da imaginação do autor, apenas um ser fictício, mas que o leitor ao se deparar com uma personagem adquire uma empatia, o leitor não enxerga somente a personagem como apenas o que está rabiscado, escrito em um pedaço de papel, mas perpassa seu valor e sua personalidade dentro de uma obra.

Geralmente, da leitura de um romance fica a impressão duma série de fatos, organizados em enredo, a de personagens que vivem estes fatos. É uma impressão praticamente indissolúvel: quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino-traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente (CANDIDO, 1964, p.53).

As personagens estão totalmente ligadas ao enredo, não sendo desconexo, são várias ideias que correspondem ao mesmo sentido há uma linha já traçada, os problemas constituídos em relação à vida das personagens, e uma opção a ser construída somando as características do efeito da obra. Segundo Candido (1964, p.54): “Enredo e personagem exprimem, ligados, aos intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam”. Segundo Brait

Se quisermos saber alguma coisa a respeito de personagens, teremos de encarar frente a frente a construção do texto, a maneira que o autor encontrou para dar forma as suas criaturas, e aí pinçar a independência, a autonomia e a “vida” desses seres de ficção. É somente sob essa perspectiva, tentativa de deslindamento do espaço habitado pelas personagens, que poderemos, se útil e se necessário, vasculhar a existência da personagem enquanto representação de uma realidade exterior ao texto (BRAIT, 1985, p.11).

Para compreender e acompanhar os personagens de uma obra é preciso estar ciente da estrutura do texto, o conceito do autor em torno do personagem as propostas e a ideia que o texto quer passar, analisar o tempo e o espaço do enredo. Não há uma separação entre o enredo e personagem os dois fazem parte da construção da obra. De acordo com Candido (1964, p.54) “A personagem vive o enredo e as idéias, e os torna vivos”. Os personagens são obras fictícias, e o texto possui sua estrutura e coerência. Diante das ideias que o autor quer passar ao leitor, às vezes parece estar diante da sua própria vida contada por um desconhecido. Com um formato mais abrangente e com informações da personalidade e do cenário onde acontece o enredo, com isso induzindo o leitor a intensos anseios de viver a existência da personagem na história como se o leitor roubasse e praticasse cada ação no lugar da personagem, há um elo entre autor, leitor e personagem assim como um elo entre enredo, estrutura textual e personagem. Assim, torna a leitura atraente e expandindo o conhecimento e prendendo atenção do leitor.

A teoria da personagem, segundo Antonio Candido, pode ser dividida em diversos tipos: personagens de costumes, personagens de natureza, personagens planas, personagens esféricas. “[...] apresentados por meio de traços distintivos, fortemente escolhidos e marcados [...]”. “[...] o autor precisa a cada mudança do seu modo de ser, lançar mão de uma caracterização diferente, geralmente analítica, não pitoresca”. “na sua forma mais pura, são construídas em torno de uma única ideia ou qualidade; [...]” (CANDIDO, 1964, p.62.63).

Observando as teorias de Candido em torno dos diferentes tipos de personagens se entende que as personagens de costumes são personagens cômicos e sentimentais. São personagens que de alguma forma passam o contexto da época ou da sociedade de uma forma satírica, o desejo de uma vida social estabelecida, com dinheiro e condutas voltadas para a ascensão social. Esses personagens permanecem fixos na obra e são reconhecidos a cada página, eles não mudam, não importa o que acontece no enredo são personagens imutáveis que possuem tal qualidade ou defeito se são bons, se são maus serão maus, se são desonestos serão desonestos etc. Seu comportamento e seu estado psicológico são estáticos, um exemplo de personagem plana seria *Iracema*, de José de Alencar, uma personagem doce, delicada e amável do começo ao fim do enredo.

As personagens esféricas são complexas e imprevisíveis e durante o enredo se contradizem, ao longo da narrativa elas são boas, mas depois se tornam seres perversos. Possuem diversos defeitos, em seguida são destacadas suas qualidades são inúmeras suas facetas com isso, tornando se uma personagem mais próxima da realidade. Um exemplo de

uma personagem esférica seria *Capitu* da obra de Machado de Assis. Uma mulher de comportamento que muda ao longo do romance, uma hora observadora, dissimulada outra amorosa, dedicada. Os personagens esféricos surpreendem de uma forma que convence o leitor. De acordo com Antonio Candido

[...] concluimos que as suas características se reduzem essencialmente ao fato de terem três, e não duas dimensões; de serem, portanto, organizadas com maior complexidade e, em consequência, capazes de nos surpreender” (CANDIDO, 1964, p.63).

Antonio Candido aborda de forma extensa a invenção das personagens. Ele descreve primeiramente o caso de experiências no interior ou no exterior. Segundo Candido “o caso da experiência interior é o da personagem projetada, em que o escritor incorpora a sua vivência, os seus sentimentos, como ocorre no Adolfo, de Benjamim Constant, ou do “*Menino de Engenho*”, de Jose Lins do Rego, para citar dois exemplos de natureza tão diversa quanto possível. (CANDIDO, 1964, p.71).

E há personagens que são formados de seres conhecidos ou não. Mas que apenas é um pretexto básico, um estimulante para o trabalho de caracterização, que explora ao máximo as suas virtualidades por meio da fantasia [...] (CANDIDO, 1964, p.72). De acordo com Candido: “Personagens construídos em torno de um modelo real dominante, que serve de eixo, ao qual vêm juntar-se outros modelos secundários, tudo refeito e construído pela imaginação”. (CANDIDO, 1964, p.72). Também existem personagens que são um conjunto de modelos reais, varias características de uma pessoa que o autor consegue transformar em um personagem. De acordo com Candido

Ao lado de tais tipos de personagens, cuja origem pode ser traçada mais ou menos na realidade, é preciso assinalar aquelas cujas raízes desaparecem de tal modo na personalidade fictícia resultante, que, ou não têm qualquer modelo consciente, ou os elementos eventualmente tomados à realidade não podem ser tratados pelo próprio autor (CANDIDO, 1964, p.72).

Como pontua Candido na citação acima alguns personagens podem se constituírem através de algumas raízes e pontos traçados com a realidade, mas essas raízes desaparecem na personalidade fictícia. Há diferença entre um texto ficcional e outros textos. “ Na obra de ficção, o raio da intenção detém se nestes seres puramente intencionais, somente se referindo de um modo indireto” (ROSENFELD, 1964, p.17). “Já nas orações de outros escritos, por exemplo, de um historiador, químico, repórter etc. As objectualidades puramente intencionais não costumam ter por si só nenhum (ou pouco) peso ou densidade”(ROSENFELD, 1964, p.17). No texto ficcional ocorre uma intenção diversa uma intenção mais profunda do que outros textos. Os textos ficcionais permitem o leitor viver algo fora da sua realidade, ou da

consciência humana, onde regras podem ser quebradas, não existem barreiras para um personagem de ficção, mas ele não está ao acaso continuamente, há uma intenção mesmo quando essa intenção não é mostrada nitidamente, mas por trás daquele personagem ou da própria obra o autor quer dizer algo intencional nos sentidos mais ocultos. Isso pode ser observado de modo mais claro no trecho a seguir.

Todavia, os textos ficcionais, apesar de seus enunciados costumarem ostentar o hábito exterior de juízos, revelam nitidamente a intenção ficcional, mesmo quando esta intenção não é objetivada na capa do livro, através da indicação “romance”, “novela” etc. Ainda que a obra não se distinga pela energia expressiva da linguagem ou por qualquer valor específico, notar-se-á o esforço de particularizar, concretizar e individualizar os contextos objectuais, mediante a preparação de aspectos esquematizados e uma multiplicidade de pormenores circunstanciais, que visam a dar aparência real a situação imaginária (ROSENFELD, 1964, p.20).

A concepção da personagem de ficção é uma reflexão com objetivos intencionais com opiniões e informações que capturam a imagem da vida real, com experiências conflitantes que abrangem o ser humano fazendo uma interpretação da vida com sua estrutura ficcional acoplada a experiência humana.

Antes de tudo, porém, a ficção é o único lugar – em termos epistemológicos – em que os seres humanos se tornam transparentes à nossa visão, por se tratar de seres puramente intencionais sem referência a seres autônomos; de seres totalmente projetados por orações. (ROSENFELD, 1964, p. 35)

Os autores de um texto de ficção produzem personagens imaginários, mas com alguns aspectos reais de um ser humano, trabalhando e confrontando a realidade de uma forma clara e sutil concretizando a existência do real com contestações e proximidades, que possuem uma verossimilhança. “Precisamente pela limitação das orações, as personagens têm maior coerência do que as pessoas reais (e mesmo quando incoerentes mostram pelo menos nisso coerência [...])” (ROSENFELD, 1964, p.35). Mas não é precisamente ter uma imaginação adequada e fértil e sair criando personagens fora da realidade. A obra precisa ter uma estrutura estética e nisso consisti a dificuldade de muitos autores. Segundo (ROSENFELD, 1964, p.37)

A dificuldade de abordar o fenômeno da ficção sem recorrer a valorizações estéticas indica que este problema é o do nível estético não mantém relações de indiferença. Sem dúvida, há ficção de baixo nível estético, de grande pobreza imaginativa (clichês), com personagens sem vida e situações sem significado profundo, tudo isso relacionado com a inexpressividade completa dos contextos verbais (que por vezes, contudo, são afetados e pretensiosos, sem economia e sem função no todo, sem que a exagerada riqueza corresponda qualquer coisa na camada imaginária e nos planos mais profundos).

O autor precisa projetar alguns aspectos estéticos na obra ficcional precisa ter uma criatividade inigualável diversificando e estabelecendo uma lógica no seu texto. “Na medida

em que se acentua o valor estético da obra ficcional , o mundo imaginário se enriquece e aprofunda, prendendo o raio de intenção dentro da obra [...]”(ROSENFELD, 1964, p.42). Com isso o autor cria um personagem criativo e também dramático com intenções que envolvem e prendem a atenção do seu leitor. Há momentos que o autor expressa as emoções de seus personagens, possibilitando ao leitor percorrer os anseios e experiências que somente a personagem viverá. Como confirma de ROSENFELD. “Assim, o leitor contempla e ao mesmo tempo vive as possibilidades humanas que a sua vida pessoal dificilmente lhe permite viver e contemplar visto o desenvolvimento individual se caracterizar pela crescente redução de possibilidades” (ROSENFELD, 1964, p.46). A construção de um personagem requer uma ligação profunda e eficaz entre o autor e seu personagem desempenhando uma forma atrativa para o leitor onde o real e os imaginários se encontram. “ É precisamente a ficção que possibilita viver e contemplar tais possibilidades, graças ao modo de ser irreal de suas camadas profundas [...] (ROSENFELD, 1964, p.46).

O leitor às vezes se identifica com alguns personagens, seu caráter, personalidade, algum traço que chama a atenção através desse ou daquele personagem o caráter que ele possui a maneira como é retratado na obra. É preciso observar a plenitude da personagem, observar a moral que esta por trás. Segundo (ROSENFELD,1964, p.46):

É importante observar que não poderá apreender esteticamente a totalidade e plenitude de uma obra de arte ficcional, quem não for capaz de sentir vivamente todas as nuances dos valores não-estéticos- religiosos, morais, político-sociais, vitais, hedonísticos etc.- que sempre estão em jogo onde se defrontam seres humanos. Todos estes valores em si não estéticos, assim como o valor ate certo ponto cognoscitivo de uma profunda interpretação do mundo e da vida humana, que “fundam” o valor estético, isso é, que são pressupostos e tornam possível o seu aparecimento, de modo algum o determinam.

As características dos personagens esta centralizada no homem, na moral nos princípios, na cultura, religião, política etc. na profundidade e emoções na busca por respostas, em uma crítica e também na alma humana, pois é o próprio homem que cria a personagem transformando aquele personagem em um ser totalmente ambíguo. A construção e os elementos de um personagem são de fundamental importância para a interpretação de valores estéticos dentro de uma obra literária.

1.2 A Personagem no Romance

A personagem de um romance é diferente da personagem do conto, da fábula ou de uma crônica. O enredo e personagem de um romance são praticamente indissolúveis conforme Antonio Candido:

[...] Quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nos personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas que se enredam, na linha do seu destino – traçada conforme uma certa duração temporal, referidas a determinadas condições de ambiente. O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo (CANDIDO, 1964, p.54).

A personagem em um romance não existe sozinha, pois é dependente de um enredo, assim como o enredo é submisso ao personagem eles são ligados um ao outro com objetivo de uma construção clara e coerente de uma narrativa. O personagem no romance é mais complexo, misterioso, e fictício. Autran Dourado compara o personagem em um romance como uma metáfora como se pode observar nesta citação: [...] “O personagem não é só uma imagem, é também e, sobretudo uma metáfora. O personagem tem no romance a mesma função que a metáfora na frase” (DOURADO, 1964, p. 106). Existe uma similaridade entre a imagem da personagem com uma metáfora na frase, ou seja, transpondo tal personagem de um contexto para um novo contexto de significados.

Na perspectiva de um romance existem diversos personagens fictícios, mas que são representados através da existência humana com suas angústias e anseios, cuja complexidade está no processo de representação. Como enxergar um ser fictício nas subjetividades da vida real? Pois cada indivíduo possui suas experiências e seus valores, cada ser confere um valor, uma opinião e todos possuem uma reação específica. “Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de tudo, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício manifestada através da personagem, que é a concretização deste” (CANDIDO, 1964, p.12).

A construção de personagem exige do autor um conhecimento de mundo, um conhecimento do ser, da vida em questão, dos desafios enfrentados, das vontades escondidas, dos sonhos inacabados, mas o conhecimento desse “ser” não é uma questão fácil de se expressar dentro de uma narrativa. “Os seres, são por sua natureza, misteriosos, inesperados” (CANDIDO, 1964, p.12). Estes seres mesclam a realidade e a ficção, o mistério e a evidência, empregando nestes personagens geralmente críticas sociais, políticas etc. Os autores de obras de um romance têm total liberdade para usar o real. “Ora, os romancistas e novelistas, na sua modéstia e simpleza aparentes, sabem que usam do real com inteira liberdade” (DOURADO, 1973, p.98).

A trajetória de alguns personagens, seu caráter, sua personalidade, sua força e até mesmo seus valores é constituída através do romancista. De acordo Candido (1964, p. 50):

Na verdade, enquanto na existência cotidiana nós quase nunca sabemos as causas, os motivos profundos da ação, dos seres, no romance estes nós são desvendados pelo romancista, cuja função básica é, justamente, estabelecer, e ilustrar o jogo das causas, descendo a profundidade reveladoras do espírito.

O romancista busca estabelecer um caminho mais profundo de seus personagens, ele tem esse poder de manipular os sentimentos, os sentidos, as ações de seus personagens, o que não aconteceria na vida real, pois sempre há questionamentos sobre certas atitudes dos seres humanos. A construção das características de um personagem é limitada, pois se o autor quer retratar toda a essência de um ser humano terá um trabalho muito árduo, pois é algo muito complexo e infausto. Segundo Mikhail Bakhtin “o homem no romance é o homem que fala”. Como se observa nessa citação

Disto se segue uma característica extraordinariamente importante do gênero romanesco: o homem no romance é essencialmente o homem que fala; o romance necessita de falantes que lhe tragam seu discurso original, sua linguagem (BAKHTIN, 1997, p.134).

Bakhtin destaca o homem que fala no romance, o homem que se expressa através de uma obra de uma forma consistente que possui uma aproximação clara e real do ser humano. Através das experiências de certos personagens, que o leitor está convocado a viver certos desafios que nunca idealizou, ter a capacidade de viver um conhecimento de mundo através da linguagem do romance de uma maneira mais intensa e completa onde se retrata muitas vezes a conduta cultural e social de uma época de uma forma mais original e extensa.

Talvez o romancista cite certos temas em sua obra de uma forma mais poética ou mais árdua e crítica de um determinado tempo. O discurso utilizado pelo sujeito, ou seja, pelo personagem consiste em mais de uma linguagem decisiva ou simples, com isso, envolvendo o leitor numa visão mais conflitante e interessante ao redor do mundo em que os seres vivem. O romancista talvez seja um porta voz, entre o homem que se cala com medo de expressar, e entre um personagem que não tem limites que grita seus maiores desejos e enigmas que buscam mostrar ao mundo o quão irreal e real os seres podem ser. De acordo com Bakhtin:

O sujeito que fala no romance é um homem essencialmente social, historicamente concreto e definido e seu discurso é uma linguagem social (ainda que em embrião), e não um “dialeto individual”. O caráter individual, e os destinos individuais e o discurso individual são por si mesmos, indiferentes para o romance. As particularidades da palavra dos personagens sempre pretendem uma certa significação e uma certa difusão social: são linguagens virtuais. Por isso, o discurso de um personagem também pode torna-se fator de estratificação da linguagem, uma introdução ao plurilinguismo (BAKHTIN, 1997, p.135).

O sujeito que fala em um romance possui uma linguagem social, e não uma linguagem individual. Tal sujeito que fala no romance abrange as características sociais de um grupo com uma linguagem estratificada. O personagem possui uma linguagem no seu interior mais complexa e subjetiva. “Daí podemos dizer que a personagem é mais lógica, embora mais simples que o ser vivo” (CANDIDO, 1964, p.44). Pois segundo Autran Dourado:

“Não nego o direito que tem os romancistas de pensarem o que quiserem, de dizerem, por exemplo, que estão fazendo análise da sociedade, que vão transformá-la, que estão analisando o psiquismo do homem, etc.etc.etc” (DOURADO, 1973, p.102).

Ao longo de um romance se encontra diversos personagens cada um com suas particularidades no enredo, com intenções e desejos, com estratégias de atingir o público leitor, com ações vividas a cada página, com técnicas e mecanismos de linguagens. “A ação, o comportamento do personagem no romance é indispensável tanto para a revelação como para a experimentação de sua posição ideológica, de sua palavra” (BAKHITIN, 1997, p.136). As ideias de um personagem são imprescindíveis para sua revelação na obra de um romance o comportamento ao longo do enredo as ações que ocorrem é de grande relevância para o contexto.

Antonio Candido descreve que.

“A personagem é complexa e múltipla porque o romancista pode combinar com perícia os elementos de caracterização, cujo número é sempre limitado se os compararmos com os máximos de traços humanos que pululam, a cada instante, no modo de ser das pessoas” (CANDIDO, 1964, p.44).

Um exemplo dessa complexidade comparado aos traços humanos é válido lembrar-se de Raskólnikov, do livro *Crime e Castigo*, de Dostoiévski, um personagem que sente a culpa e o arrependimento de ter matado duas senhoras como se estivesse fazendo um favor ao mundo, Raskólnikov diversas vezes causa pena aos seus leitores certa piedade, mas ele não deixa de ser um assassino. O conflito com ele mesmo e com o mundo ao seu redor que tenta achar uma solução, uma luz no fim do túnel, o ponto final aos seus dilemas buscando melhorar sua situação e resolver seus problemas. Raskólnikov vive em uma sociedade medíocre em quarto alugado com condições miseráveis, que depois de cometer dois assassinatos rouba as jóias da sua vítima, mas não usufrui do dinheiro.

Um assassino, um ladrão e ao mesmo tempo um homem buscando sua dignidade e o perdão de seu crime, onde o seu delito e o peso de sua consciência vai consumindo seu ser em um mar de solidão onde os pesadelos e a culpa vão deteriorando o indivíduo Raskólnikov. Fiódor Dostoiévski, o criador de Raskólnikov, busca em seus heróis a voz da polifonia entre

o autor e o mundo, como cita Mikhail Bakhtin, no livro *Problemas da poética de Dostoiévski*:

A voz do herói sobre si mesmo e o mundo é tão plena como a palavra comum do autor; não está subordinada à imagem objetificada do herói como uma de suas características, mas tampouco serve de interprete da voz do autor. Ela possui independência excepcional na estrutura da obra, é como se soasse ao lado da palavra autor, coadunando-se de modo especial com ela e com as vozes plenivalentes de outros heróis (BAKHITIN, 1997, p.5).

A voz do personagem tem uma ligação com o autor e o mundo que o cerca, possuindo sua autonomia e dependência. O autor do romance *Crime e Castigo* retrata uma polifonia de vozes de intenções e pontos de vistas diferentes como confirma Bakhtin (1997, p.18)

De fato, os elementos sumamente incompatíveis da matéria em Dostoiévski são distribuídos entre si por vários mundos e várias consciências plenivalentes, são dados não em uma, mas em várias perspectivas equivalentes e plenas; não é a matéria diretamente, mas esses mundos, essas consciências com seus horizontes que se combinam numa unidade superior de segunda ordem, por assim dizer, na unidade do romance polifônico.

Dostoiévski retrata em *Crime e Castigo* as questões funestas e internas da vida. Uma delas é o sofrimento do ser humano, além de retratar os tormentos de uma consciência cheia de culpa e ódio e as consequências e o castigo dos crimes cometidos. O ser humano possui seus sentimentos e instintos que a cada instante se modificam com uma aparência emocional passiva, outras vezes agressiva, com uma consciência muitas vezes obscura ou não. O ser humano desenvolve entendimentos e problemas de relacionamentos, de postura com a sociedade diferenciando da personagem que é um “ser” limitado, mas sem deixar de ser complexo como o ser humano. “Os elementos que um romancista escolhe para apresentara personagem, física e espiritualmente, são por força indicativos” (CANDIDO, 1964, p.78).

Existem diversos personagens, cada um tem um papel fundamental no enredo. Às vezes é passado ao leitor somente seu exterior ou algum detalhe, mas que ao lembrar-se desse detalhe não esquece jamais da personagem, executando e prendendo a atenção do leitor, ou quando se aborda determinado tema, que resulta a imagem de certo personagem com uma personalidade tão intensa capaz de prestigiar a intensidade da vida real e do próprio ser humano, ou do próprio romancista com qualidades elevadas, com ações e sentimentos que são retratadas no âmago do ser humano, através de um personagem com relações do cotidiano e com questões conflitantes e com uma linguagem ideológica. “Uma linguagem particular no romance representa sempre um ponto de vista particular sobre o mundo, que aspira a uma significação social” (BAKHITIN, 1997, p.135). A linguagem em um romance representa uma

significação de mundo Em seu livro *Poética da Prosa*, Todorov (2003) descreve a importância da linguagem inserida na literatura:

O próprio fato de a obra literária ser “uma obra de arte verbal” vem há muito tempo incitando os estudiosos a falar da “importante função” da linguagem na literatura: toda uma disciplina, a estilística, foi criada numa zona intermediária entre os estudos literários e a lingüística; inúmeras teses foram escritas sobre a “língua” de tal ou qual escritor. Define-se linguagem aqui como a matéria do poeta ou da obra (TODOROV, 2003, p.31)

A linguagem e a literatura possuem uma aproximação anexada com a arte verbal na construção de uma obra com qualidades e enigmas que se propõem ao romancista criar a sua arte, favorecendo as possibilidades de uma imaginação que às vezes decepciona ou traz satisfação aos leitores. “Nesse jogo, em que muitas vezes tomamos por realidade o que é apenas linguagem (e há quem afirme que a linguagem e a vida são a mesma coisa), a personagem não encontra espaço na dicotomia ser reproduzido/ser inventado”(BRAIT, 1985, p.12). A linguagem e a realidade precisam estar em unidade para que o personagem seja criado ou reproduzido, a existência do real, a estrutura, a técnica a ser criada a semelhança do fictício com o real demonstram o resultado da personagem criada pelo seu autor. “[...] a literatura é não só o primeiro campo a ser estudado a partir da linguagem, mas também o primeiro cujo conhecimento pode lançar nova luz sobre as propriedades das próprias linguagens” (TODOROV, 2003, p.32).

A literatura, através da linguagem, ou a linguagem através da literatura, produz questões sociais, políticas, econômicas, de ideais e da moral trazendo conhecimento e revelação de diversos assuntos, trazendo sentido e especulações de uma determinada época da sociedade.

Para o gênero romanesco, não é a imagem do homem em si que é a característica principal, mas justamente a imagem de sua linguagem. Mas para que esta linguagem se torne precisamente uma imagem de arte literária, deve se tornar discurso das bocas que falam unir-se à imagem do sujeito que fala (BAKHTIN, 1997, p.137).

Como descreve Bakhtin é a imagem da linguagem que é caracterizada em um romance e não a imagem do próprio homem, e ao mesmo tempo ele diz que a imagem da arte literária precisa estar unida ao sujeito que fala, as palavras precisam estar unidas ao sujeito falante e organizadas em um discurso.

O texto literário se submete a lingüística centralizada na própria imagem do real desempenhando uma comunicação verbal. Segundo (Todorov, 2003, p.39) afirma que:

Cada língua possui certo número de elementos destinados a nos informar unicamente sobre o ato e sobre o sujeito da enunciação e que realizam a conversão

da linguagem em fala; outros destinam se unicamente “à apresentação de fatos ocorridos.

Ou seja, para Todorov a língua possui alguns elementos a nos informar transformando a linguagem em fala ou unicamente a exposição de fatos.

As personagens no romance são bem mais que imagens que meras palavras jogadas ao vento, não são histórias banalizadas sem anseio sem emoção, há por trás de cada página algo há mais de cada ser, um contexto político, social, algo que precisa ser explanado de uma forma sutil. “A grande virtude do personagem é ter um corpo, repetimos; é ter um nome, é ser substantivo” (DOURADO, 1973, p.106). O desempenho do personagem no romance vai caracterizar suas idéias no enredo levando uma abordagem do posicionamento e a característica de cada personagem. Segundo (BAKHTIN, 1997, p.154).

O romance serve-se duplamente de todas as formas dialógicas de transmissão da palavra do outro, elaboradas na vida cotidiana, e nas relações ideológicas não literárias as mais variadas. Em primeiro lugar, todas essas formas são representadas e reproduzidas nos enunciados familiares e ideológicos dos personagens do romance, e também nos gêneros intercalares nos diários, nas confissões, nos artigos de jornal, etc.

Através de um romance a palavra do outro é transmitida, produzindo formas diferentes de serem representadas. Antonio Candido pontua no texto *A personagem do romance* seu seguinte ponto de vista:

Na verdade, enquanto na vida cotidiana nós quase nunca sabemos as causas, os motivos profundos da ação dos seres, no romance estes nos são desvendados pelo romancista, cuja função básica é, justamente, estabelecer e ilustrar o jogo das causas, descendo a profundidades reveladoras do espírito (CANDIDO, 1964, p.66).

É quase impossível discernir o que se passa em certas ações que algumas pessoas cometem e responder a exatas perguntas conceber uma resposta consistente sobre algumas atitudes tomadas pelo ser humano. Mas em um romance o escritor deixa muitas vezes claro o que quer transmitir através do enredo mesmo de uma forma enigmática. Do bom ao mais cruel dos personagens o leitor tenta desvendar os mistérios mais profundos e obscuros de cada personagem, é como se o leitor estivesse vivendo cada movimento da personagem e como se o leitor fizesse parte de cada linha de cada ação levando o a uma reflexão das ações e atitudes, como se o personagem fosse o réu e o leitor o juiz como se ele tivesse o poder de traçar e julgar os acontecimentos que já forma traçados pelo próprio autor da obra.

CAPÍTULO 2 – CONTEXTO DO CAPÍTULO

O objetivo deste capítulo é analisar a personagem Sônia. No item 2.1, será mencionada a obra *Crime e Castigo* a partir da teoria proposta de Mikhail Bakhtin, um dos teóricos que mais estudou e publicou sobre Fiódor Dostoiévski, vamos conciliar a obra *Crime e Castigo* como um clássico com o conceito de Italo Calvino, pois pra muitos leitores *Crime e Castigo* seria um clássico.

Em seguida no item 2.2 o foco será na personagem Sônia Marmeládov, analisando suas características e sua grande importância na obra, visando suas características como uma personagem primária, com citações da própria obra *Crime e castigo*, pois assim como Raskólnikov ela é uma personagem principal na obra.

2.1. *Crime e Castigo*: Literatura e Crítica

A obra do Russo Fiódor Dostoiévski, *Crime e Castigo*, é um clássico da literatura mundial. Tomamos, nesse trabalho, o conceito de clássico como apresentado por Italo Calvino “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (CALVINO, 1978, p. 11), nesse sentido, podemos pensar o romance de Dostoiévski como sendo uma obra que não se esgotou. Ainda segundo Calvino, um clássico “é aquilo que tende a relegar as atualidades à posição de barulho de fundo, mas ao mesmo tempo não pode prescindir desse barulho de fundo” (CALVINO, 1978, p.15). Mesmo com tanto barulho, com centenas de livros que normalmente não são considerados clássicos publicados a cada ano, os livros considerados clássicos conseguem permanecer ativos nas mais diversas culturas e manter-se atual. Como afirma Calvino.

Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes) (CALVINO, 1978, p.11).

As histórias narradas de um clássico são capazes de tocar diversos leitores expressando as mais variadas características e densidade de sua época, influenciando outros autores sem perder a vivacidade e o valor ao longo dos anos. A partir do que foi discutido sobre clássico estamos conciliando a obra *Crime e Castigo*, a partir de agora vamos iniciar a discussão sobre o autor Fiódor Dostoiévski e sua obra *Crime e Castigo*.

A obra de Dostoiévski foi lida por importantes teóricos ; são eles. *Problemas da Poética de Dostoiévski* (1997) do autor Mikhail Bakhtin, Leonid Grossman, *Dostoiévski artista* publicado em 1967, Victor Chklovski. *Prós e Contras. Notas sobre Dostoiévski*. 1972, B.M Engelgardt. *Ideologuitcheskii Roman Dostoiévskiano* 1924, Askóldov *A psicologia dos caracteres em Dostoiévski*. Joseph Frank *Em Dostoiévski: Um Escritor em seu tempo* (2018). Entre outros textos e artigos que foram publicados ao longo das décadas. Várias pessoas avaliaram e publicaram trabalhos nas áreas de literatura, Filosofia, Psicologia e Direito analisaram e publicaram artigos sobre a obra ou sobre Dostoiévski ao longo dos anos.

Ao tomarmos conhecimento da vasta literatura sobre Dostoiévski, temos a impressão de tratar-se não de um autor e artista, que escrevia romances e novelas, mas de toda uma série de discursos filosóficos de vários autores e pensadores: Raskólnikov, Míchkin, Stavróguin, Ivan Karamázov. O Grande Inquisidor e outros. Para o pensamento crítico-literário, a obra de Dostoiévski se decompôs em várias teorias filosóficas autônomas mutuamente contraditórias, que são defendidas pelos heróis dostoiévskianos. Entre elas, as concepções filosóficas do próprio autor nem de longe figuram em primeiro lugar (BAKHTIN, 1997, p.3).

Nesta citação Bakhtin descreve a dimensão filosófica que Dostoiévski trata em suas obras, expressas pelos personagens em suas narrativas, buscando uma interpretação do próprio Dostoiévski. *Crime e Castigo* foi publicado em 1866. A história se passa em São Petersburgo onde Ródion Raskólnikov, ex-estudante de Direito comete dois assassinatos, como se um desses assassinatos fosse um favor que ele fizesse para a humanidade, mas trazendo para si a angustiante consequência do crime com cenas marcantes no romance, chamando a atenção do leitor para o estado psicológico de Raskólnikov, seus delírios e os diálogos com os demais personagens da obra. Dostoiévski trata em *Crime e Castigo* a condição humana, centrada no sofrimento humano e com uma reflexão religiosa e também filosófica, retratando as relações sociais e miseráveis de alguns personagens. O sofrimento de Raskólnikov afetava também seu estado psicológico, seu corpo físico estava doente como se observa:

Ele estava doente havia muito tempo, mas não foram os horrores da vida carcerária, nem o trabalho forçado, nem a comida ruim, nem a cabeça raspada, nem a roupa de retalhos que o destruíram: oh, quão pouco ele se importava com todas aquelas torturas e provações! Pelo contrário, o jovem se alegrava mesmo com o trabalho: fisicamente extenuado, conseguia ao menos, algumas horas de sono tranqüilo. Todavia, não tinha vergonha de sua cabeça raspada nem dos grilhões: seu orgulho é que estava muito magoado, e ele adoeceu por causa dessa mágoa (DOSTOIÉVSKI, 2013, p.581)

O narrador explora esse lado psicológico envolvendo o leitor junto com a personagem no estado de delírio e remorso que ao longo do romance vai sofrendo. Algo de muito destaque

também na obra *Crime e Castigo* são as descrições dos cenários bem detalhados na narrativa, como se o leitor tivesse vivendo nas ruas de São Petersburgo, e por meio dos diálogos as personagens se interagem tornando-se uma leitura prazerosa. Dostoiévski foi preso na Sibéria por ser contra o Czar, o último imperador da Rússia, levando o autor de *Crime e Castigo* a viver com outros assassinos e obrigado a fazer trabalhos forçados, com isso se inspirando para escrever a obra *Crime e Castigo*, obtendo uma visão mais profunda das criminalidades cometidas na sua época, participou de grupos revolucionários que o levou a ser condenado a morte, mas que foi substituída por trabalhos forçados na Sibéria, Dostoiévski escreveu quinze livros, entre os mais conhecidos são *Crime e Castigo (1866)*, *O Idiota (1869)*, *O Jogador (1866)*, *Os Irmãos Karamazov (1880)*. Também escreveu contos e novelas e outros textos que são lidos e mencionados como obras importantes para a literatura mundial.

Em sua obra *Crime e Castigo* é acentuada a relação da fé com a vontade do ser humano, com um realismo marcante tratando os sofrimentos humanos com a força da fé e a razão, desenvolvendo sentimentos estupefacentes sobre a consciência e a culpa com um desenvolvimento subjetivo, com questões retratadas ao redor da humanidade em relação ao crime e, com efeito, o castigo que isso ocorrera na vida daquela pessoa independente do seu arrependimento.

Em seu livro *Problemas da Poética de Dostoiévski*, Mikhail Bakhtin faz um estudo levando em conta a categoria do romance polifônico que em suas obras Dostoiévski retrata. Segundo Bakhtin, “Para alguns pesquisadores, a voz de Dostoiévski se confunde com a voz desses e daqueles heróis, para outros, é uma síntese peculiar de todas essas vozes ideológicas, para terceiros, aquela é simplesmente abafada por estas” (BAKHTIN, 1997, p.3). Diferentes vozes, distintos pontos de vista são encontrados em *Crime e Castigo*, pois Dostoiévski não estabelece nada a seu leitor, personagens que dialogam que entrelaçam uns com os outros, nos personagens há uma personalidade existente com a polifonia de vozes dentro da consciência de Raskólnikov desenvolvendo diálogos intensos. Sobre isso Bakhtin afirma:

Dostoiévski é o criador do romance polifônico. Criou um gênero romanesco essencialmente novo. Por isso sua obra não cabe em nenhum limite, não se subordina a nenhum dos esquemas históricos que costumamos aplicar às manifestações do romance europeu. Suas obras marcam o surgimento de um herói cuja voz se estrutura à voz do próprio autor no romance comum (BAKHTIN, 1997, p.5).

Dostoiévski inventou um novo estilo de romance com diferentes vozes dentro da narrativa, com harmonia de falas e conceitos dentro de uma obra, no entanto com uma visão e ainda assim com um contexto de mundo, no interior do texto com personagens autônomos.

“Ele não escreveu romances de idéias, romances filosóficos segundo o gosto do século XVIII, mas romances sobre idéias” (BAKHTIN, 1997, p.25). O autor de *Crime e Castigo* constituiu em suas obras um estado de liberdade que entrelaçam os personagens em uma importância existencial de um herói com muitas facetas centralizado na percepção do mundo, complexo de ideologias com expectativas nutridas por uma sociedade que esperava algo já determinado, mas que Dostoiévski revolucionou a literatura.

De acordo com Bakhtin:

Em realidade, porém, o romancista encontrou a multiplicidade de planos e a contrariedade e foi capaz de percebê-lo não no espírito, mas em um universo social e objetivo. Nesse universo social os planos não são etapas, mas estâncias, e as relações contraditórias entre eles não são um caminho ascendente ou descendente do indivíduo, mas um estado da sociedade. A multiplicidade de planos e o caráter contraditório da realidade social eram dados como fato objetivo da época (BAKHTIN, 1997, p. 30).

As personagens mulheres de *Crime e Castigo* são religiosas, são criaturas dóceis, mas ao mesmo tempo transparecem um lado moral ferido pela sociedade, como exemplo a irmã e a mãe de Raskólnikov são preocupadas com estado que ele se encontra. As relações humanas que se deparam na narrativa é um universo que aproxima todos os personagens a Raskólnikov. O pior castigo que uma pessoa pode ter não são os castigos físicos mas o castigo da sua própria consciência sentindo um arrependimento sem conseguir apagar o que foi feito, esta obra se diferencia de uma literatura policial, pois o leitor já sabe desde o início quem é o criminoso, percorrendo o universo psicológico de Raskólnikov. De acordo com Mikhail Bakhtin:

Combinar numa criação artística confissões filosóficas com incidentes criminais, incluir o drama religioso na fábula da estória vulgar, através de todas as peripécias da narrativa de aventura, conduzir as revelações de um novo mistério- eis as tarefas artísticas que se colocavam diante de Dostoiévski e o chamavam a um complexo trabalho criativo (BAKHTIN, 1997, p.14).

O autor de *Crime e Castigo* cria algo novo uma diversidade de heterogeneidades, de conhecimentos a literatura canônica, ganhando dimensão e características próprias do autor na escrita de seus romances, determinando as características de seus personagens em uma ótica do indivíduo subjetivo em uma sociedade decaída, com uma racionalidade linguística e percepção social, aproximando de certo modo de algo consistente com uma criação nova constituindo novas narrativas refletindo, há uma abordagem poética e existencialista.

As ideias e as fundamentações desenvolvidas em *Crime e Castigo* proporcionam ao leitor uma experiência psicológica em uma consciência perturbada como de Raskólnikov, em

uma perspectiva discursiva e particular. “Pode se dizer francamente que Dostoievski procura converter cada contradição interior de um indivíduo em dois indivíduos para dramatizar essa contradição e desenvolvê-la extensivamente” (BAKHTIN, 1997, p.32). O interior do herói difundiu no seu exterior levando-o ao extremo com um discurso dominador destinado a um limite entre a voz do autor e de seus personagens. Os valores da percepção de mundo da força, habilidade e coerência capazes de desenvolver argumentos essenciais na construção das narrativas, das particularidades dos diálogos de seus personagens explorando um conteúdo requisitando o leitor de Dostoiévski um enriquecimento de sentimentos e frustrações de seus personagens.

O extraordinário dom artístico de ver tudo em coexistência e interação se constitui na maior força, mas também na maior fraqueza de Dostoievski. Ele o tornava cego e surdo a muitas coisas-muitas e essenciais: muitos aspectos da realidade não podiam fazer parte do seu universo artístico. Por outro lado, porém, esse dom aguçava-lhe ao extremo a percepção na ótica de um dado momento e permitia ver coisas múltiplas e diversas onde outros viam coisas únicas e semelhantes. Onde outros viam apenas uma ideia ele conseguia sondar e encontrar duas idéias, um desdobramento; onde outros viam uma qualidade, ele descobria a existência de outra qualidade, oposta.. Tudo o que parecia simples em seu mundo se tornava complexo e multicomposto. Em cada voz ele conseguia ouvir duas vozes em discussão; em cada expressão via uma fratura e a prontidão para se converter em outra expressão oposta; em cada gesto captava a segurança e a insegurança simultaneamente; percebia a profunda ambivalência e a plurivalência de cada fenômeno. (BAKHTIN, 1997, p.34).

Como se pode observar na citação de Bakhtin, Fiódor Dostoiévski reinventou, o que era para ser algo simples e monótono, ele criou algo diferente. Foi distinto em suas concepções literárias, com seu raciocínio lógico e existencialista, desenvolvendo um impacto nas correntes literárias, obras que são um retrato de temas emblemáticos, irreverentes percorrendo os séculos, com características filosóficas com complexidade moral das personificações e intenções tão criativas em suas narrativas e complementando com a voz de seus personagens a polifonia.

O destemido e corajoso autor falou com intensidade dos valores de uma sociedade abatida em sua época, onde outros escritores tinham certo receio de trazer à tona verdades e valores que eram reprimidas, abordando em uma perspectiva audaciosa, essencialmente tradicional e existencial explanando uma posição forte. Ele apresentou o romance polifônico, as multifacetadas, e vozes de seus personagens, revolucionando os romances modernos, descreveu com autoridade as concepções de uma Rússia Czarista, abordando situações e temas com notoriedade, onde discorreu a essência da vida abordando novas visões de mundo que são analisados e disseminados entre os mais diversos teóricos, e inspirando até hoje novos romances.

2.2. Sônia: a personagem desertora de *Crime e Castigo*

Dostoiévski criou uma personagem mulher em *Crime e Castigo* que vivia com sua família em extrema miséria e foi obrigada pela situação em que se encontravam seus irmãos, sua madrasta doente, e seu pai bêbado a se prostituir para alimentar seus irmãos famintos, se vê obrigada a afligir sua moral e a se vender por alguns rublos, para não ver seus irmãozinhos chorarem de fome. Em uma conversa em um bar com Raskólnikov, Marmeládov o pai de Sônia descreve a conversa com a madrasta convencendo-a a se prostituir.

Eu estava... Fazer o quê, pois...eu estava deitado, de tão bebido, e ouço a minha Sônia (ela é recatada, e sua voz é tão tímida...moça lourinha, de rosto magrinho e sempre pálido) dizer: Será que vou Katerina Ivánovna, fazer aquele Negócio?. E Dária Frântzevana, uma mulher de más intenções e bem conhecida pela polícia, já o tinha proposto, por meio da locadora, umas três vezes. ‘E por que não?’ - responde Katerina Ivánovna, escarvinha (DOSTOIÉVSKI, 2013, p.60).

A situação que ela teve que passar, a bondade que ela tinha pela sua família e a misericórdia que teve de um assassino. Seria como se Sônia fosse o escape, a luz no fim do túnel para todos ao seu redor. A jovem exterminou a angústia de um homem deturpado, corrompido pela sua própria consciência, onde buscou a sua regeneração por amor a Sônia. Uns dos momentos mais marcantes da obra é quando Raskólnikov confessa o assassinato a jovem, os diálogos entre os dois causam uma extrema angústia, e ele chega a chamar a velha em piolho como se ele fizesse um favor à humanidade matando a, como pode se observar neste trecho da obra:

- O que, mas o que você fez consigo?- disse ela com desespero e, ficando outra vez em pé, abraçou-lhe, num ímpeto, o pescoço, e, apertou-o com toda força, em seus braços. Raskólnikov deu passo pra trás e mirou-a com um triste sorriso:
 - Estás estranhas Sonia: abraças e beijas depois de eu te contar sobre aquilo. Estás transtornada.
 - Não há, não há agora ninguém, no mundo inteiro, que esteja mais infeliz que tu! – exclamou ela, sem ter ouvido essa frase em seu desvario, e, de repente, ficou soluçando como histérica. (Crime e Castigo p.449)
 - Mas que verdade é essa? Oh meu Deus!
 - Foi só um piolho que matei, Sônia: um piolho inútil, repugnante, maligno (DOSTOIÉVSKI, 2013, p.453).

A jovem absorve para si o sofrimento do assassino, onde a misericórdia através do olhar de Sônia enche o coração de Raskólnikov de esperança prostrado ao sofrimento o homem caído, desorientado encontra um sentido um renovo, confessar o seu crime para se libertar da culpa e começar uma nova vida ao lado de Sônia, transformando completamente sua vida.

- Estás falando da cadeia, Sonia, não é? Preciso entregar-me, é isso? – perguntou, lúgubre.
- Precisas passar pelo sofrimento e redimir-te com ele, eis o que é.
- Não! Não vou entregar-me, Sônia.
- E como, mas como tu vais viver? Que fardo carregarás? – exclamava Sonia (DOSTOIÉSVSKI, 2013, p.457).

Dostoiévski em sua narrativa coloca a personagem em uma posição como se ela fosse um ser angelical. Sônia Marmeládov, uma jovem com virtudes e um coração amável, para a sociedade apenas uma prostituta, mas para Raskólnikov a sua salvação. Ao mesmo tempo em que ela se prostitui ela é uma pessoa religiosa, tímida se sente uma miserável, mas quando escuta a confissão do assassino não se sente mais o pior dos seres, a moça quase pura e santa, mas que foi obrigada pelas circunstâncias a se vender para alimentar seus irmãos famintos. Raskólnikov um assassino, mas por trás um homem generoso que ajuda o próximo, isso é conflitante, pois uma prostituta quase santa e um assassino generoso o santo e o profano se misturam em *Crime e Castigo*, Dostoiévski aborda com intensidade a religiosidade na sua obra.

Há uma semelhança entre Raskólnikov e Sônia, por estarem em situações de sofrimentos parecidos, a dor mais angustiante de viver banido da sociedade, dos valores e da moral. Sônia tem um papel fundamental na obra de redimir Raskólnikov, de dizer a verdade e confessar o seu crime, mesmo ele indo contra as suas concepções, ela o convence é como se a capa do velho homem arrogante e às vezes insolente fosse substituída por um homem angustiado, carregando a culpa mais profunda da alma como se fosse algo libertador assumir o que fez e pagar pelo seu crime aceitar a punição física, pois a punição psicológica já estava sofrendo, desde o momento que cometeu os assassinatos, ele sabia que para sempre teria que carregar a cruz tão pesada e o sofrimento só iria aumentar.

- Isso quer dizer que vou carregar minha cruz, He-he! Está certo: tenho sofrido pouco até agora [...]. Tu mesma querias que eu fosse à delegacia; pois bem, ficarei na cadeia, e teu desejo será realizado. Porque estás chorando? E tu também choras? Chega, já chega! Oh, como tudo isso me é difícil! (DOSTOIÉSVSKI, 2013, p.561).

Aceitando a confissão do crime Raskólnikov percebe que para sempre terá Sônia Marmeládov ao seu lado, uma companheira que pagara junto com ele o seu preço, a sua culpa, o destino dos dois é traçado esperando uma nova vida depois de sete anos de trabalhos forçados na Sibéria:

- Eles queriam conversar, mas não conseguiam. As lágrimas lhes turvavam os olhos. Estavam ambos pálidos e magros, mas em seus rostos doentes e lívidos já brilhava a aurora do revigorado futuro e da completa ressurreição para a nova vida. Fora o amor que os ressuscitara. Um coração encerrava inúmeras fontes de vida para o outro. Eles decidiram esperar pacientes. Restavam –lhes ainda sete anos, mas haveria, até lá,

tanto sofrimento insuportável e tanta felicidade infinda! Ele ressuscitou e sabia disso, sentia isso plenamente, com todo o seu ser renovado, e ela... ela só vivia a vida dele! (DOSTOIÉVSKI, 2013, p.588).

Se não fosse Sônia o que seria de Raskólnikov? Talvez tivesse escolhido um caminho sem volta, o amor e a compaixão de uma doce mulher o levaram a sua redenção, ela não é simplesmente uma personagem que passa despercebida, a jovem ao lado de Raskólnikov é uma personagem de ampla importância para obra com uma originalidade e com uma presença absolutamente extraordinária em *Crime e Castigo*.

A personagem Sônia seria uma falsa personagem secundária do livro *Crime e Castigo*, o foco principal sem dúvidas é em Raskólnikov, mas a personagem Sônia acompanha todas as ações do romance, sempre que aparece interfere decisivamente no enredo. Dostoiévski manipula isso tentando deixar a Sônia de lado, mas ele dá outro tipo de destaque para a jovem. “O personagem que domina o livro, que entra em cena quando menos se espera, que mesmo quando não é chamado aparece que impõem a sua presença e “rouba” as cenas [...] (DOURADO, 1973, p.104).” Como se observa nesta citação acima de Autran Dourado, pode-se definir as características da personagem Sônia, porque quando menos se espera ela aparece e rouba as cenas da obra ela tem um destaque na narrativa, os diálogos e a sua presença são marcante toda vez que ela surge e quando aparece a personagem produz um novo sentido de leveza e pureza e crucial na obra.

Embora tão solitários, os meus personagens não existem sozinhos. Se ligam uns aos outros sem perceberem, subterraneamente. Mesmo sem se falarem, sem se verem, sem mesmo se conhecerem, se intercomunicam. Inconscientemente, magicamente – vamos dizer, formando um conjunto, a unidade vertical e subliminar do livro (DOURADO, 1973, p.107).

Em *Crime e Castigo* os personagens se ligam uns aos outros, as vozes, as consciências exprimem um valor de conexão entre o sujeito e sua identidade, aproximando e comunicando o reconhecimento de mundo, do eu no outro, a formação da linguagem, e o sentido e a percepção do olhar de cada personagem. O olhar de Sônia é capaz de transformar seus sofrimentos como se observa nesta citação retirada do artigo. “A Compaixão como Virtude e como Fardo: Anotações sobre o Par Sônia e Raskólnikov, de *Crime e Castigo*” da Doutora em Literatura Russa da USP Priscila Nascimento Marques publicado em 2016.

Na descrição de Sônia destacam-se seus olhos azuis claros, capazes de transformar seu aspecto sofrido. E, mais do que transformar sua feição, esses olhos eram capazes de atrair involuntariamente. Tal observação é de grande importância, considerando o status que a descrição do olhar tem na narrativa dostoiévskiana (MARQUES, 2016, P.219).

O Olhar de Sônia reaviva seu aspecto miserável e com isso atraindo Raskólnikov. A união entre Sônia Marmeládov e Ródio Raskólnikov expressam um sentido particular e ao mesmo tempo resultados semelhantes à redenção da culpa, da desprezível mediocridade da vida do homem. Segundo Mikhail Bakhtin:

Dostoievski não representa a vida da ideia numa consciência solitária nem as reações mútuas entre os homens, mas a interação de consciências no campo das idéias (e não apenas das idéias). Já que em seu universo a consciência não é dada no caminho de sua formação e de seu crescimento, ou seja, não é dada historicamente mas em contigüidade com outras consciências, ela não pode se concentrar em si mesma e em sua ideia, no desenvolvimento lógico imanente desta, e entra em interação com outras consciências. Em Dostoievski a consciência nunca se basta por si mesma, mas está em tensa relação com outra consciência (BAKHTIN,1997, p.36).

O conjunto de consciências é formado nos personagens Sônia e Raskólnikov, pois a consciência e as vozes dos dois se entrelaçam no enredo, com uma referência emocional e ideológica centrado na compaixão, a moral perdida e a redenção com uma característica marcante de fé e regeneração. Nas primeiras páginas de *Crime e Castigo* Sônia Marmeládov é mencionada pelo pai em um bar para Raskólnikov e diz que a filha possui uma carteira de identidade amarela, que significava um documento que as prostitutas da Rússia utilizavam. “Quando a minha filha única usou o cartão amarelo, pela primeira vez, eu também fui então... (já que minha filha usa o cartão amarelo...) (DOSTOIÉVSKI, 2013, p.57)” Sonia surgiu já apresentada como uma prostituta, uma doce jovem de olhos azuis loira, humilde. Quando o senhor Marmeládov é atropelado Raskólnikov, o ajuda e leva-o para a casa, mas Sônia não estava, a madrasta manda uma das irmãs chama-la e quando chega no aposento ela rouba a cena, o narrador discorre sobre seu exterior e interior como se observa no trecho da obra.

Tímida e humilde surgiu uma moça na multidão, e seu aparecimento inesperado nesse quarto, no meio da miséria e dos farrapos, em face da morte e do desespero, era estranho. Ela também estava esfarrapada, seu traje, de um vintém só, era enfeitado de modo ruiro, segundo os gostos e regras que se tinham formado num ambiente peculiar, para que logo desse na vista seu vergonhoso objetivo. Sônia parou na antessala, rente à soleira, a qual, aliás, não atravessara, e parecia perdida, sem entender nada nem se lembrar do seu vestido de seda florida, comprado da quarta mão e indecente nesse lugar com sua ridícula cauda compridíssima, da sua imensa crinolina que barrava toda a porta, de seus botins claros, da sombrinha que carregava, embora inútil de noite, e do redondo chapeuzinho de palha, bem engraçado, com uma pluma de cor de fogo. Debaixo desse chapeuzinho à banda, via-se um rostinho magro, pálido e assustado, de boca aberta e olhos petrificados de terror (DOSTOIÉVSKI, 2013, p.222).

Ela chegou ao local tímida e miserável, esfarrapada uma moça comum para a sociedade, Dostoievski descreve com uma profundidade de detalhes a descrição física e moral da jovem, criando uma expectativa ao leitor, pois ele não descreve suas características como

se ela fosse somente uma prostituta, ele tira esse rotulo e começa a descrevê-la como tímida e humilde, se o leitor não percebe no início da obra a descrição de seu pai que ele afirma que ela possui o cartão amarelo. Com as características acima um leitor despercebido não entende que Sônia se prostitui, é como se Dostoievski descrevesse apenas uma menina simples e miserável com suas vestes humildes, mas há por trás disso uma miserável vida sendo corrompida para dar o que comer aos irmãos. ”A cada herói o mundo se apresenta num aspecto particular segundo o qual constrói-se a sua representação”(BAKHTIN,1997, p.25).

Sônia quando vai até a casa de Raskólnikov, o narrador relata a humilde moça com pavor das outras pessoas que estavam no local ela se senta ao lado da mãe e da irmã de seu amigo, ela não se acha digna de sentar se ali, talvez pelo preconceito devido à época. “ Sônia se sentou, quase tremendo de medo, e olhou com timidez para ambas as damas. Pelo visto, ela mesma não compreendia como ousara sentar-se ao lado delas” (DOSTOIESVSKI, 2013, p.274).

Dostoiévski descreve mais uma vez Sônia Marmeládov desta vez ele não destaca tanto as vestes, mas seu rosto e principalmente seus olhos como se através de seus olhos se encontrava a beleza de sua alma e para Raskólnikov a tornava atraente e com o poder de transformar aquela mulher sofrida e miserável. Como é destacado na obra:

Ao longo da conversa, Raskólnikov a examinava com atenção. O rostinho da moça era magro, bem magro e pálido, de traços assaz irregulares, como que agudinho, de narizinho e queixo pontudos. Nem se podia chamá-la de bonitinha, porém seus olhos azuis eram, em compensação, tão claros, e, quando eles se animavam, todo o seu semblante ficava tão bondoso e cândido que ela se tornava atraente mesmo sem querer. Além disso, seu rosto tinha, bem como toda a sua aparência, um detalhe bem peculiar: embora já tivesse dezoito anos, Sônia não aparentava sua idade e parecia quase uma menina, quase uma criança, o que se revelava, às vezes, de modo engraçado em certos movimentos dela (DOSTOIÉSVSKI ,2013, p.276).

Outro aspecto que o autor de *Crime e Castigo* deixa claro é a jovialidade de Sônia, a aparência dela era quase de uma criança, seu aspecto físico era de uma humilde menina humilhada pela degradante época, faminta, maltrapilha, tímida e religiosa , mas com um grande poder de transformar a vida das pessoas que a cercava, de viver não mais pra ela mais carregava a cruz dos outros. Já não bastasse carregar a de sua família da madrasta doente, pai bêbado, seus irmãos que choravam de fome, surgiu mais uma cruz que decidi dividir a de Raskólnikov, custe o que custar sentindo os maiores sofrimentos a com alma despedaçada e lágrimas, em vez de revolta e odiar todos a sua volta, Sônia Marmeládov abraça e carrega mais uma cruz pesada, os anseios a culpa, os delírios e a dor de um assassino, o que ela irá

ganhar com isso ? A esperança e a felicidade pela primeira vez, mesmo que precisasse esperar mais oito anos.

Um das características que Dostoiévski aborda em sua personagem Sônia é a sua religiosidade, em suas obras ele sempre descrevia sobre este tema a centralidade do homem se aniquilando e definhando aos poucos e de uma regeneração entre justos e pecadores, a liberdade que o homem escolhe viver por suas próprias concepções e a total dependência de Deus para restauração do homem. Segundo Bakhtin:

Se procurarmos uma imagem para qual como que tendesse todo esse mundo, uma imagem no espírito da cosmovisão dostoiévskiana, essa imagem seria a Igreja como comunhão de almas imiscíveis, onde se reúnem pecadores e justos; talvez possamos evocar a imagem do mundo de Dante, onde a multiplicidade de planos se transfere para a eternidade, onde há impenitentes e arrependidos, condenados e salvos. Esse é um tipo de imagem ao estilo próprio Dostoiévski, ou melhor, de sua ideologia, ao passo que a imagem do espírito uno Ihe é profundamente estranha (BAKHTIN, 1997, p.30)

Quem apresenta o evangelho a Raskólnikov é Sonia, e pergunta se ele sabia rezar. Em um trecho da obra Raskolnikov a chama de pecadora e faz com que ela reflita sobre a vida de horror que ela leva, mas ela o responde de forma firme, e fala sobre as crianças seus irmãos famintos, com uma imagem denegrida ela não se importa e sabe o preço que paga por viver de forma promíscua.

- Não foi por causa de tua desonra e de teu pecado que disse isso, mas pelo grande sofrimento teu. E quanto a seres uma grande pecadora, é verdade – adicionou, quase exaltado -, e, mais ainda, és pecadora porque te traíste e imolaste em vão. Como não ficarias horrorizada de viver nessa lama que tanto detestas, e de saber, ao mesmo tempo (é só abrires os olhos), que não ajudas ninguém de nada? Diz –me, afinal – proferiu ele, à beira do frenesi -, como tanta vergonha e baixaria se avizinham, dentro de ti, com outros sentimentos, opostos e são? É que seria mais Just, mil vezes mais justo e racional atirares-te, de cabeça para baixo, na água e acabares de vez com tudo!

- E o que serás deles? – perguntou Sônia, enfraquecida; olhava para ele com dor, mas ao mesmo tempo, nem um pouco surpresa com sua proposta (DOSTOIÉVSKI, 2013, 359-360).

Raskólnikov a perturba perguntando com ironia se Sônia rezava esperando uma resposta condizente com a vida que levava para sustentar sua família, ela fica furiosa, mas se mantendo com uma postura de acreditar muito em Deus, aconteça o que acontecer, como aponta o dialogo abaixo retirado da obra *Crime e Castigo*.

- Pois tu rezas muito, Sônia? – perguntou-lhe. Sônia estava calada, e ele se postou ao seu lado, esperando pela resposta.

- O que eu seria sem Deus? – cochichou ela, rápida e energicamente, ergurnd, por um instante, os olhos rútilos e apertando-lhe com força a mão. É assim mesmo! – pensou ele.

- E como Deus retribui isso, o que faz por ti? – perguntou, insistindo em interrog-la.

Sônia ficou calada por muito tempo, como que sem poder responder. Seu peito fraquinho ondeava todo de emoção.
 - Cala-se! Não me pergunte! O senhor não merece!...- exclamou de repente, fixando nele um olhar severo e furioso (DOSTOIÉVSKI, 2013, p.361).

Raskólnikov a faz pensar porque não tiras sua própria vida, e acaba com o sofrimento que tanto a afligia sua moral, mas ela escolheu viver se prostituindo para sustentar seus irmãos. “Ao seu modo, Sônia também é criminosa [no sentido de perestutip, ou seja, de ultrapassar limites morais] (MARQUES, 2016, p.222)”. Se Sônia não existisse o que seria deles, mas Sônia sabia da sua integridade falida e de seu pecado, uns dos trechos marcantes da obra, e que possui o caráter religioso de Sônia é quando Raskólnikov pede para ela ler a passagem do evangelho de Lázaro como pode ser observado a seguir:

- Onde é a história de Lázaro? – perguntou de repente.
 Sônia não respondeu, teimando em fitar o chão. Estava um pouco de lado em relação à mesa.
 - Onde se fala da ressurreição de Lázaro? Acha pra mim, Sônia. Ela o mirou de soslaio.
 - O senhor procura em lugar errado...é no quarto Evangelho – cochichou ríspida, sem se aproximar dele (DOSTOIÉVSKI, 2012, p.362).

Outro aspecto da fé de Sônia é apontado na narrativa. ”- Benza-te, reza ao menos uma vez só- pediu Sônia com uma voz tímida e tremente. - Oh, claro, quanto quiseres! Do fundo de meu coração, Sônia, do fundo do meu coração”(DOSTOIÉVSKI, 2013, p.561). A fé que Sônia tinha ela passara para Raskólnikov com toda sua inocência e pureza abordando com paciência estes assuntos sem deixar vestígios da ausência de seus pecados, e lutar para a redenção de um assassino, quando Raskólnikov estava pagando pelo seu crime na Sibéria debilitado e doente ele recordou que Sônia havia levado um livro na qual era o mesmo livro que ela havia lido para ele, o Evangelho como se pontua a seguir:

Havia um Evangelho debaixo do seu travesseiro. Raskólnikov o pegou maquinalmente. O livro pertencia a Sônia, era aquele mesmo livro no qual Sônia lera para ele a história da ressurreição de Lázaro. No início de sua pena ele pensava que a moça o torturaria com a religião, que iria falar do Evangelho e impor-lhe as leituras. Mas, para a sua maior surpresa, ela não falou nenhuma vez sobre isso, nenhuma vez lhe ofereceu antes de sua doença, e ela lhe trouxe o livro calada (DOSTOIÉVSKI 2013, p.588-589).

Sônia não impôs sua religião nem sua fé, simplesmente entregou o Evangelho e ele por si só refletiu sobre o livro que, contribuiu com uma questão de análise de sua própria vida expressando a constante compaixão pelos oprimidos encorajando o jovem a aceitar cada dia a

sua sentença sua dependência total a Deus mas sem impor nada exprimindo um sentimento de gratidão e recomeço.

A personalidade de Sônia continuamente foi modesta, humilde e tímida como indivíduo, um ser humano que sempre pensou mais nos outros que nela própria, ocasionando a viver sucessivamente no sofrimento, quando o jovem assassino foi pagar pelo seu crime na Sibéria ela não desistiu dele, ela poderia começar uma nova vida, apagar o seu passado e tentar ser feliz, mas ela escolheu ficar perto de seu amado, Sônia o visitava na prisão e com sua compaixão e dedicação ajudava os outros presos e suas famílias escrevendo e entregando as cartas, tratando dos infelizes miseráveis que estavam condenados a serviços forçados, os detentos a chamavam de mãezinha como se ela fizesse parte da família deles como se pontua no trecho a seguir:

Mas, pouco a pouco, certas relações mais próximas se estabeleceram entre eles e Sônia: ela escrevia cartas para as suas famílias e mandava pelo correios. Os parentes que vinham à cidade deixavam as coisas destinadas aos detentos e mesmo o dinheiro nas mãos de Sônia. Suas mulheres e namoradas conheciam-na e visitavam a casa dela. E quando a moça aparecia no lugar dos trabalhos para ver Raskólnikov ou encontrava um grupo de presidiários que ia trabalhar, todos tiravam o gorro e cumprimentavam-na. “Mãezinha Sôfia Semiônovna, és nossa mãe terna e carinhosa!”- diziam os criminosos ferreteados a essa pequena, magrinha criatura (DOSTOIÉSVSKI, 2013, p.585).

Como uma verdadeira mãe ela fazia tão bem não só a Raskólnikov, mas todos os detentos naquele mundo sombrio e cinzento ela era a luz uma alma caridosa e sensata, promovendo a harmonia da prisão, mas Sônia continuava com a mesma aparência, Dostoiévski deixou sua aparência, suas roupas do mesmo jeito do início ao fim do romance, com vestes simples, com o mesmo lenço verde na cabeça, sua parte externa sempre pálida, magra com as mesmas ações de acanhamento quando estava perto de Raskólnikov.

De súbito, Sônia apareceu perto dele. Aproximou-se sem o menor barulho e sentou-se ao seu lado. Era bem cedo, e o friozinho matinal ainda não se abrandara. A moça usava seu casaquinho pobre e seu lenço verde. O rosto ainda estava marcado pela doença e parecia mais magro, pálido e cansado. Ela sorriu para Raskonikoly, afável e alegremente, estendendo-lhe, tímida como de praxe, a mão (DOSTOIÉSVSKI, 2013, p.587).

Raskólnikov dependia dela, e sabia que a jovem o conduziria a um caminho de felicidade, Sônia teve um grande impacto na vida desse miserável ex estudante de direito, a jovem fez perceber que ele precisava confessar o seu crime, precisava carregar a sua cruz pagar, pelos seus delitos, Sônia fez parte disso não poderia abandona lá em uma situação dessas, então permanecia ao seu lado mantendo contato escrevendo para sua irmã e seu melhor amigo Razumikhin, ela estava presente em todos os momentos, foi ela que deu a

notícia que sua mãe havia morrido, Raskólnikov tinha seu porto seguro mesmo sofrendo e pagando pelo seu crime.

Sônia teve uma grande participação em manter o contato em Raskólnikov e sua família na prisão, as relações já não eram as mesmas, Sônia sentia certa frieza entre a irmã e seu amigo Razumikin, com o passar dos anos ela que entregava as correspondências para Raskólnikov e relatava tudo o que acontecia na prisão a Dúnia e seu esposo Razumíkhin como se observa no trecho a seguir:

Os contatos eram mantidos por Sônia, que todos mês enviava pontualmente uma carta a Petersburgo, dirigindo-a a Razumíkhin, e todo mês recebia pontualmente uma resposta de Petersburgo. A princípio, as cartas de Sônia pareciam a Dúnia e Razumíkhin bastante secas e insatisfatórias: mais tarde, porém, eles acharam que não se poderia escrever de maneira melhor, pois essas cartas lhes davam, apesar de tudo, uma ideia completa e exata do destino de seu desditoso irmão. As cartas de Sônia vinham repletas da mais trivial realidade, contendo a mais simples e clara descrição de todo o ambiente carcerário em que vivia Raskólnikov (DOSTOIÉVSKI, 2013, P579)

Sônia era o elo que unia Raskólnikov ao mundo novamente, tentando promover o equilíbrio e a harmonia de um homem condenado a sua culpa, nas cartas a moça não relatava esperanças nem felicidades vindouras, almejando algo de melhor via se na necessidade de comunicar a realidade do momento:

simples e clara descrição de todo o ambiente carcerário em que vivia Raskólnikov. Ela não relatava suas próprias esperanças, nem fazia conjeturas sobre o futuro nem descrevia seus sentimentos. Em vez de tentar explicar o estado de espírito de Raskólnikov e toda sua vida interior em geral, ela narrava apenas os fatos, ou seja, as próprias palavras dele, as notícias pormenorizadas sobre a sua saúde, o que ele queria, quando de seus encontros, o que lhe pedia, que incumbências lhe davas etc (DOSTOIÉVSKI, 2013, p.579).

A jovem Sônia já havia sofrido intensamente, não queria ficar manifestando esperanças de uma vida totalmente diferente, cheias de expectativas em suas cartas, se mantinha firme e com precisão em suas correspondências relatando todos os fatos mesmo não sendo tão otimista, em relação à mãe de Raskólnikov que estava muito doente e debilitada ele sempre perguntava dela. Sônia escondeu por um tempo a morte da mãe do jovem prisioneiro, mas percebendo que ele desconfiava resolveu dizer a verdade não foi pela irmã ou pelo seu amigo, mas por Sônia novamente ela estava sempre nos piores momentos e contou a triste notícia. ”Quando Sônia viu que ele já pressentia a verdade e contou, afinal, sobre a morte da mãe, nem mesmo essa notícia lhe causou grande abalo: assim era, pelo menos, a impressão externa que a deixou toda perplexa” (DOSTOIÉVSKI, 2013, p.580).

A jovem Sônia não era muito bem recebida na prisão por Raskolnikov às vezes ele ficava indiferente ao lado dela em um processo de reflexão e isolamento:

Sônia escrevia com singeleza que ele não apenas estava desinteressado em suas visitas, sobretudo de início, como ficava aborrecido por causa destas, tratando-a com poucas palavras e mesmo com grosseria, mas acabou por desenvolver o hábito e quase a necessidade desses encontros, de sorte que se afligia muito quando a moça adoecia e não podia, durante alguns dias, visitá-lo (DOSTOIÉVSKI ,2013, p.580).

Mesmo o detento não querendo sua presença a jovem não se importava, sempre o visitava, tinha compaixão da criatura solitária e miserável, pois se isolava de todos e estava com uma grave doença. Apesar de seu aspecto sofrido Sônia tentava se manter firme e forte tentando superar tudo o que ocorreu se dedicando a Raskólnikov.Sônia se envolvia em seus aspectos financeiros realizava alguns trabalhos como costureira e com a ajuda de Svidrigáilov abandonou a prostituição, não precisava viver no sofrimento buscava sua plena felicidade começando tudo de novo e queria levar Raskólnikov junto a nova vida, amparava financeiramente o prisioneiro mesmo sem ele saber.

A respeito de si própria Sônia informava que conseguira algumas amizades e mesmo proteções na cidade, que se dedicava à costura e, como havia lá pouquíssimas costureiras, chegara a tornar-se necessária para varias famílias; não mencionava apenas que Raskólnikov também conseguira, com a ajuda dela,a proteção dos superiores, passando a cumprir tarefas menos pesadas, e assim por diante (DOSTOIÉVSKI ,2013, p.581).

A turbulenta vida de Raskólnikov foi se aliviando ao lado de Sônia, se não fosse Sônia o que seria deste pobre homem, doente, fraco e solitário onde passava dias e dias em silencio, felizmente o jovem detento tinha a moça forte e corajosa ao seu lado que o fazia reviver a cada instante, ela estava presente quando adoeceu e iria visitá-lo na enfermaria. por mais difícil que fosse as visitas , ela estava lá mesmo se fosse para o observar só pela janela.

Durante toda a doença dele, Sônia pudera visitá-lo na enfermaria apenas duas vezes: precisava pedir autorização a cada vez, e isso era difícil. Porém ela vinha frequentemente ao pátio do hospital, sobretudo de tardezinha, e postava-se sob as janelas, às vezes só para ficar lá um minutinho e ver, ao menos de longe, a janela da enfermaria onde Raskólnikov se encontrava. Um dia, ele adormeceu nessa hora, já quase bom de saúde e , acordando, achegou-se casualmente à janela da enfermaria onde Raskólnikov se encontrava (DOSTOIÉVSKI ,2013, p.586).

Por mais difícil que fosse as visitas, ela estava lá mesmo se fosse para observá-lo só pela janela. Quem mais estaria? A mãe de Raskólnikov estava morta, sua irmã e seu único amigo? Estavam casados e vivendo longe da Sibéria. Só restava ela a moça simples, humilde com o lenço verde e suas vestes miseráveis, a jovem que se vendia para alimentar seus pequeninos irmãos famintos. “O amor de Sônia pesa, assim como pesava o amor que sua mãe e irmã devotavam a ele”(MARQUES, 2016, p.224). Mas chegou o dia em que o homem

ríspido se joga ao chão e chora aos pés de Sônia, redimido ao seu arrependimento e o amor de Sônia, a moça tem a finita certeza que era amada por Raskólnikov.

Raskólnikov não sabia como isso aconteceu, mas algo o levou, de repente, a atirar-se aos pés dela. Chorando, ele abraçava os joelhos da moça. No primeiro minuto, ela se apavorou mortalmente, e todo o seu rosto ficou petrificado. Levantou-se num pulo e olhou para ele, trêmula. Mas logo, no mesmo instante, compreendeu que, sem sombra de dúvida, ele a amava, amava infinitamente, e que o momento feliz afinal chegara...(DOSTOIÉVSKI, 2013, p.588).

As experiências vividas pelos dois personagens principais de *Crime e Castigo* Raskólnikov e Sônia são absolutamente uma visão de sofrimentos, misérias, onde a vida foi severa com eles, mas ambos encontraram a felicidade um no outro, alicerçando sua vida futura e possibilitando a Raskólnikov a deixar o velho homem suas atitudes e erros do passado e recomeçar uma nova vida íntegra, Como pontua Priscila Marques:

É o contato com Sônia e seu exemplo compassivo de dissolução do eu e fusão com o todo que mostra a Raskólnikov uma possibilidade de desintegrar o velho eu orgulhoso, cínico e alheio, e fundir um novo eu, a um tempo íntegro e reintegrado à humanidade (MARQUES, 2016, p.231).

Sônia nunca soube o que era ser feliz não tinha mãe, morava com a madrasta doente e um pai alcoólatra, e não encontrando mais saída começou a se prostituir para não ver mais seus irmãos chorando de fome, no entanto conheceu um criminoso, um assassino um “homem extraordinário” pois é assim que Raskólnikov gostaria de ser reconhecido. Sônia o redimiu a confessar sua culpa e pagar pelo seu crime ele finalmente se arrepende e descobriu que a amava.

Sônia também passou todo aquele dia emocionada, e de noite tornou mesmo a adoecer. Contudo, estava tão feliz que ficou quase assustada com sua felicidade. Sete anos, apenas sete anos! No início de sua felicidade, eles dois estavam prestes, de vez em quando, a tomar esses setes anos por sete dias (DOSTOIÉVSKI, 2013, p.589)

Sônia pela primeira vez sentiu a felicidade batendo a sua porta em uma perspectiva de um recomeço. O amor de Sônia pelos pequeninos a compaixão pelo próximo exigiu dela grandes sofrimentos, mas a moça tímida e humilde com o seu velho lenço verde venceu a batalha e encontrou a plena felicidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo foram discutidos os aspectos sobre personagem, o tipo de personagem em uma narrativa. Investigou-se a personagem Sônia da obra *Crime e Castigo* do Russo Fiódor Dostoiévski, retratando sua trajetória ao longo do romance como sendo uma falsa personagem secundária, analisando a importância da personagem ao lado do personagem principal da obra Raskólnikov.

Por meio de estudos realizados com importantes teóricos, como: Bakhtin (1997), Todorov (2003), Candido (2009), Brait (1985), Calvino (1993), Rosenfeld (2009), entre outros. Refletiu-se sobre a obra *Crime e Castigo*, a polifonia encontrada no enredo mencionada pelo autor Mikhail Bakhtin, as características de uma obra clássica mencionada por Ítalo Calvino (1993).

Este trabalho proporcionou fazer uma pesquisa sobre a personagem Sônia analisando sua trajetória do começo ao fim da obra *Crime e Castigo*, ao lado do protagonista, demonstrando suas características e sua participação fantástica na obra de Dostoiévski. Levantando algumas pesquisas, o que encontrei foram trabalhos, foram trabalhos realizados sobre o personagem Raskólnikov, ou sobre os dois Raskólnikov e Sônia, mas nenhum encontrado tratando somente de Sônia. Isso me instigou a discutir sobre a personagem Sônia mostrando seu valor, e seu destaque dentro do romance.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 2. ed. Tradução Maria Emsantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5. ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1985

CALVINO, Italo. *Por que ler os Clássicos*. 2.ed. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

CANDIDO, Antonio. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

DOURADO, Autran. *Uma poética de Romance*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1964

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Crime e Castigo*. Tradução Oleg Almeida. São Paulo: Martin Claret, 2013.

MARQUES, Priscila Nascimento. A Compaixão como Virtude e como Fardo: Anotações sobre o par Sônia e Raskólnikov, de Crime e Castigo. *Revista Pesquisa e Estudo da Religião*, Juiz de Fora, v. 19, p.216-232, 30 set. 2016.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 9-50.

TODOROV, Tzevetan. *Poética da prosa*. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

